

SONDAGEM Especial

Ano 3, Nº.1, junho de 2005

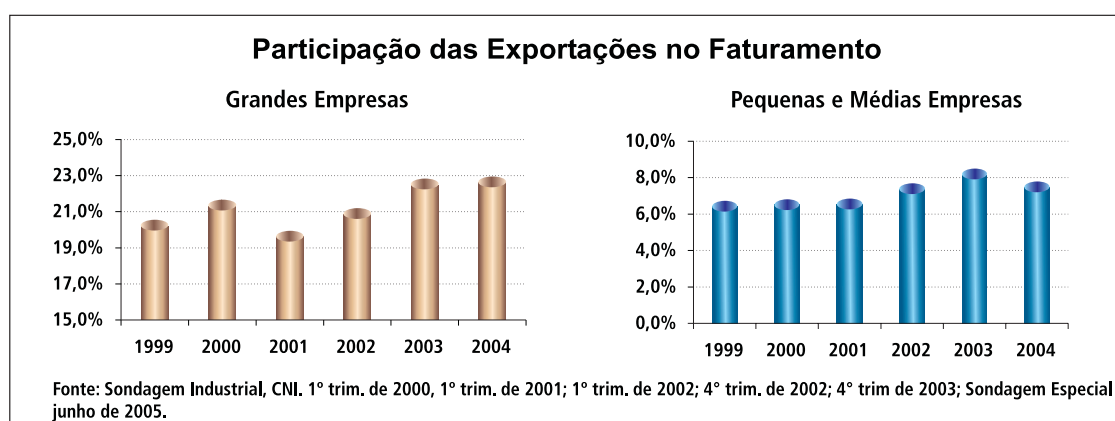
Real Valorizado Ameaça as Exportações

A manutenção da taxa de câmbio abaixo de R\$ 2,70 / US\$ até o fim do ano afetará negativamente o desempenho futuro das exportações brasileiras. Mantendo-se esse cenário, as empresas industriais exportadoras deverão reduzir os investimentos voltados para as exportações e focar esforços no mercado doméstico. Além do câmbio, a infra-estrutura de transporte e a burocracia apresentam-se como entraves importantes ao crescimento das exportações. As importações, por sua vez, vêm sendo estimuladas pela valorização do real. A proporção de empresas que utilizam insumos e matérias-primas importadas aumentou em 2004 e a previsão é de crescimento das compras em 2005.

A participação das vendas externas no faturamento da indústria se reduz

O crescimento na proporção de empresas exportadoras ocorrido em 2003 não voltou a ocorrer em 2004. No grupo de grandes empresas, o percentual apurado pela Sondagem Especial aumentou um ponto percentual, situando-se em 79%. Já entre as pequenas e médias apenas 35% exportaram em 2004 contra 37% em 2003.

As vendas externas também reduziram sua participação no faturamento da indústria de transformação como um todo. Entre as grandes empresas, as exportações responderam por 22,6% do faturamento em 2004, a mesma proporção de 2003. No caso das pequenas e médias empresas esse percentual recuou de 8,1% em 2003 para 7,4% em 2004. Essa queda pode ser explicada por dois movimentos: a queda do valor em reais das exportações e a recuperação da demanda doméstica. Entre os setores, madeira e couros e peles, com médias de 52% e 45%, respectivamente são os setores com maior percentual de vendas externas no faturamento. Em seguida, têm-se os setores de material de transporte e mobiliário, ambos com médias de 16% e material elétrico com 15%.



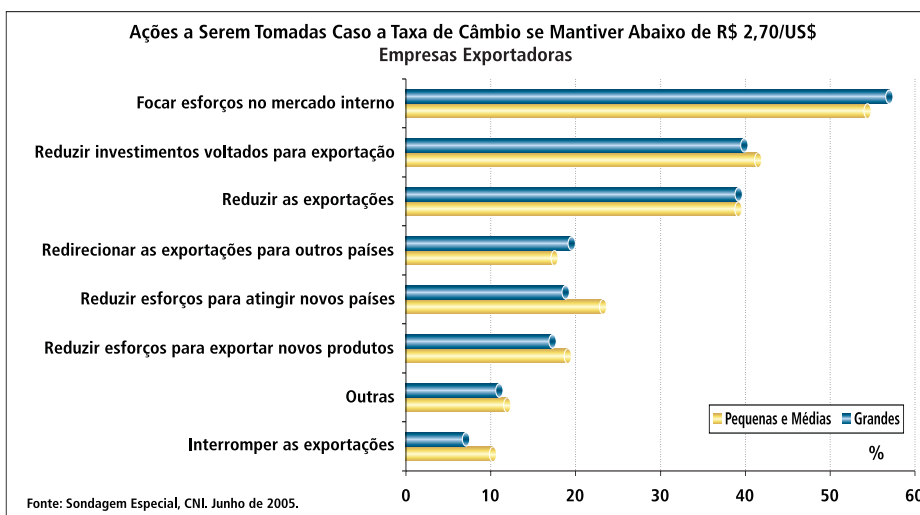
As perspectivas quanto à evolução das exportações nos próximos seis meses são otimistas, mas há algum sinal de arrefecimento quando se compara com a Sondagem Especial do ano passado, divulgada no Boletim de Comércio Exterior da CNI. Naquela ocasião, o índice de expectativa das exportações foi de 56 pontos, contra 54,9 pontos desta Sondagem. Aparentemente, esse é um resultado esperado após o forte crescimento das exportações em 2003 e 2004, mas também deve refletir a expressiva queda na rentabilidade das exportações observada no período em razão da valorização do real.

As perspectivas favoráveis quanto à evolução das exportações independe do porte da empresa, mas não é generalizado entre os setores pesquisados. Os setores de madeira, borracha, minerais não-metálicos, têxtil e metalúrgica não esperam crescimento. No outro extremo, os empresários dos setores de produtos farmacêuticos, bebidas e química mostram-se bastante otimistas. Os respectivos indicadores situaram-se acima dos 60 pontos. Note-se que indicadores acima de 50 pontos significam expectativas de crescimento das exportações.

Valorização cambial afetará o desempenho futuro das exportações

A Sondagem Especial questionou as empresas sobre as ações que essas tomariam se a taxa de câmbio se mantiver abaixo de R\$ 2,70/US\$ até o fim do ano. Apenas 28% das empresas exportadoras responderam que não iriam alterar a estratégia de sua empresa. Esse resultado mostra que o relativo otimismo apresentado pelas empresas exportadoras não elimina a preocupação com a manutenção de uma taxa de câmbio valorizada até o fim do ano.

Focar esforços no mercado doméstico e reduzir os investimentos voltados para exportações seriam as principais ações tomadas pelas empresas. Essas opções foram assinaladas por, respectivamente, 56% e 41% das empresas que pretendem alterar sua estratégia. Tais mudanças certamente prejudicarão o desempenho futuro das exportações. Além disso, caso a taxa de câmbio mantenha-se abaixo de R\$ 2,70/US\$ até o fim do ano, 39% das empresas exportadoras que tomariam uma ação pretendem reduzir suas vendas para o mercado externo enquanto 9% pretendem interrompê-las de todo.



A Sondagem Especial perguntou as empresas industriais qual seria a faixa de taxas de câmbio ideal para sua empresa. Como a taxa afeta as empresas em diversas vertentes, era de se esperar, como de fato ocorreu, uma divergência dependendo do modo de interação da empresa com o comércio mundial. Há uma clara diferença nas taxas ideais entre o grupo de empresa que exporta e o grupo que não exporta e utiliza insumos e matérias-primas importadas.

Entre as empresas que responderam à questão, 43% exportam e compram insumos e matérias-primas importados. Nesse grupo de empresas, a maioria defende uma taxa acima de R\$ 2,86. Sendo que 36% preferem que o preço do dólar situe-se entre R\$ 2,86 e R\$ 3,00 e 29% entre R\$ 3,01 e R\$ 3,15 e 10% acima de R\$ 3,16. No caso das empresas que exportam e não utilizam insumos e matérias-primas importados (22% das empresas da amostra), 81% defendem uma taxa acima de R\$ 2,86 por dólar. Também nesse grupo, a preferência maior é por uma taxa entre R\$ 2,86 e R\$ 3,00 por dólar (com 42% das assinalações).

Entre as empresas que utilizam insumos importados e não exportam (apenas 19% do total consultado) a grande maioria defende um real valorizado. Metade do grupo assinalou que a taxa de câmbio ideal situar-se-ia abaixo de R\$ 2,70 / US\$ e 23% na faixa entre 2,71 a R\$ 2,85 / US\$. As empresas que não exportam e nem importam insumos e matérias-primas importados, 17% dos respondentes, também concentraram suas respostas nas faixas inferiores, respectivamente 46% e 23% das respostas.

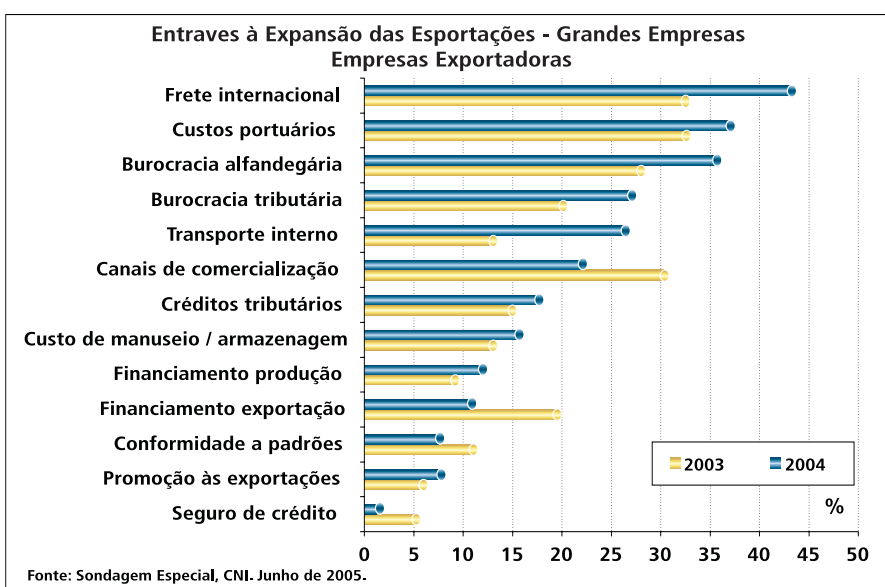
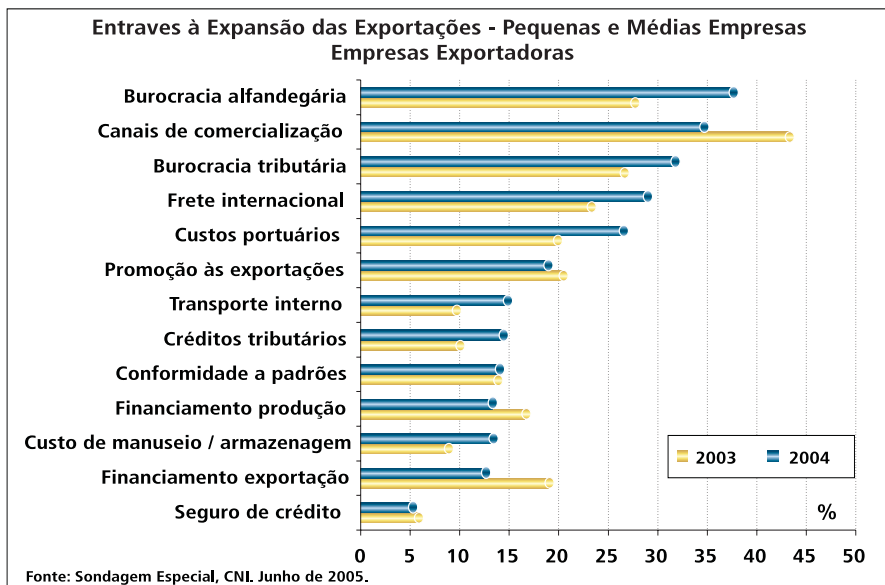
Tabela 1

Taxa de Câmbio Ideal para a Indústria de Transformação						
Tipo de Empresa	Participação do tipo no total dos respondentes	Faixas da Taxa de Câmbio (R\$/US\$)				
		Abaixo de 2,70	De 2,70 a 2,85	De 2,86 a 3,00	De 3,01 a 3,15	Acima de 3,16
	%	%	%	%	%	%
Só exportador	21,8	4,5	15,0	41,5	26,5	12,5
Exportador e Importador	42,9	10,7	15,5	35,5	28,9	9,4
Só importador	18,6	50,3	22,8	17,5	6,4	2,9
Não exporta nem importa	16,8	46,1	22,7	18,8	7,8	4,5

Fonte: Sondagem Especial, CNI, Junho de 2005.

Burocracia e infra-estrutura de transporte são os principais entraves à exportação

Os obstáculos às exportações não se resumem à taxa de câmbio. Foram apresentados aos empresários 13 prováveis entraves às exportações excluindo-se a taxa de câmbio e barreiras impostas por outros países. Os empresários assinalaram os três entraves mais importantes para a manutenção do crescimento das exportações. Apenas 10% dos executivos das empresas exportadoras não registrou algum entrave à expansão das exportações.



Entre as pequenas e médias empresas, a burocracia é o grande destaque negativo. A burocracia alfandegária foi assinalada por 38% desses empresários e a burocracia tributária por 32%. São, respectivamente, o primeiro e terceiro problema mais assinalado pelos empresários das empresas desse porte. Ademais, verifica-se um aumento da preocupação com a burocracia na comparação com 2003. No caso da burocracia alfandegária, por exemplo, o percentual de assinalações foi de 28% na pesquisa anterior, quando foi o segundo maior problema, atrás de canais de comercialização. Outras dificuldades que registraram crescimento no percentual de assinalações foram frete internacional, custos portuários, transporte interno e custo de manuseio e armazenagem, todos ligados à infra-estrutura.

Cabe registrar a forte redução no percentual de assinalações em canais de comercialização, embora esta continue sendo uma dificuldade importante – a segunda no *ranking*. Em 2003, essa opção foi a mais assinalada pelos empresários das pequenas e médias empresas, com 43%. Na Sondagem atual, esse percentual se reduziu para 35%.

Entre as grandes empresas, mais uma vez a infra-estrutura e a burocracia aparecem como os principais entraves, ainda que em ordem de importância diferente. O problema mais relevante é o alto custo do frete internacional, com 43% de assinalações, seguido pelos custos portuários e burocracia alfandegária, ambos

com 38% de assinalações. Destaca-se ainda o crescente esgotamento da infra-estrutura para escoamento das exportações. O problema de custo interno de transporte, que em 2003 fora assinalado por 13% dos grandes empresários que enfrentavam dificuldades para a expansão de suas exportações, passou a ser assinalado por 26%. Também aumentou de maneira significativa o percentual de assinalações em frete internacional (de 32% para 43%), custo portuário (de 32% para 37%), burocracia alfandegária (de 28% para 36%) e burocracia tributária (de 20% para 27%).

Canais de comercialização também perderam importância como um entrave para o crescimento das exportações das grandes empresas: o percentual de assinalações caiu de 30% para 22%. O mesmo se verifica na opção financiamento à exportação com redução do percentual de 19% para 11%.

Real forte estimula importação de insumos e matérias-primas importados

A proporção de empresas que utilizam insumos e matérias-primas importados subiu entre 2003 e 2004, de 62% para 69% entre as grandes empresas e de 30% para 34% entre as pequenas e médias. Não obstante, a participação dos insumos e matérias-primas importados no custo da indústria com insumos e matérias-primas não subiu na mesma intensidade. A participação subiu de 13% para 14% entre as grandes empresas e de 7,6% para 8,3% entre as pequenas e médias.

Ambos resultados podem ser explicados pela valorização do real. A queda dos preços em reais dos insumos e das matérias-primas importadas estimula a procura por tais produtos, bem como reduz o custo – em reais – e, conseqüentemente a participação no custo total com insumos e matérias-primas.

A indústria farmacêutica, historicamente uma das mais intensivas em insumos e matérias-primas importadas, apresentou queda na participação dos importados no custo. O percentual, que tinha alcançado 36,1% em 2003, recuou para 31,7% em

2004. Outros setores com participação elevada de insumos importados nos custos reduziram seu percentual entre 2003 e 2004, como química e material de transporte. Contudo, em 2004 sete setores de atividade apresentaram participação de importados no custo total com insumos e matérias-primas maior do que 10%, contra seis em 2003. Dentre esses sete setores, material elétrico apresentou a maior expansão desse percentual, passando de 16% para 22%.

Entre as empresas já importadoras, as perspectivas de importações são de claro crescimento, enquanto em 2003 a tendência de crescimento para 2004 ainda não estava tão clara. O índice registrado em abril de 2005 foi de 53,7 pontos, superior aos 50,7 pontos registrados em janeiro de 2004.

Para os próximos seis meses, a perspectiva é de crescimento das importações de insumo e matérias-primas, ainda que moderada. As grandes empresas registraram um indicador de expectativa das importações de 53,3 pontos e as pequenas e médias de 53,9 pontos. Entre os 17 setores pesquisados o crescimento não é generalizado, embora alguns apontam forte expansão de suas compras externas. O setor de madeira é o único que aponta redução clara, enquanto outros cinco entre os pesquisados apontam estabilidade. Os 11 setores restantes pretendem ampliar a importação de insumos e matérias-primas, destacando-se os setores de produtos farmacêuticos, com indicador de 68,8 pontos, e material de transporte, com 63,3 pontos.

Tabela 2

	Expectativa para os próximos seis meses							
	Exportação				Importações de Insumos			
	Indicadores	Prop. resposta (%)			Indicadores	Prop. resposta (%)		
	-	=	+	-	=	+		
Total	54,9				53,7			
Porte								
Pequena e Média	53,6	20,0	42,9	37,2	53,9	13,7	54,0	32,3
Grande	57,5	14,9	40,4	44,7	53,3	8,4	69,9	21,7
Gêneros industriais								
Min. Não-Metálicos	49,1	22,2	51,9	25,9	54,5	10,7	60,7	28,6
Metalúrgica	49,6	23,9	52,2	23,9	51,6	16,7	56,3	27,1
Mecânica	54,4	19,3	40,4	40,4	52,8	11,1	64,4	24,4
Mat. Elétrico	59,6	5,9	44,1	50,0	57,1	8,7	52,2	39,1
Mat. Transporte	57,4	10,8	48,7	40,5	63,3	3,3	43,3	53,3
Madeira	45,5	30,3	45,5	24,2	45,6	29,4	52,9	17,6
Mobiliário	52,3	31,8	27,3	40,9	55,8	15,4	46,2	38,5
Papel e Papelão	57,8	12,5	43,8	43,8	52,8	0,0	88,9	11,1
Borracha	47,5	40,0	20,0	40,0	50,0	25,0	50,0	25,0
Couros e Peles	54,5	18,2	36,4	45,5	50,0	14,3	71,4	14,3
Química	61,2	7,1	46,4	46,4	54,7	9,4	60,9	29,7
Prod. Farmacêuticos	65,0	10,0	30,0	60,0	68,8	0,0	25,0	75,0
Mat. Plástica	54,2	22,2	38,9	38,9	57,7	3,8	61,5	34,6
Têxtil	49,4	32,5	32,5	35,0	50,6	18,6	55,8	25,6
Vest. Calçados	52,3	25,6	37,2	37,2	49,3	22,2	52,8	25,0
Prod. Alimentares	59,7	11,1	37,0	51,9	49,5	16,3	67,3	16,3
Bebidas	63,5	15,4	23,1	61,5	52,1	16,7	50,0	33,3

Indicador varia no intervalo de 0 a 100.

Valores acima de 50 indicam expectativas positivas.

"Proporção das respostas": (-) redução; (=) manutenção; (+) aumento.

Fonte: Sondagem Especial, CNI. Junho de 2005.

A Sondagem Especial sobre a taxa de câmbio e o comércio exterior foi realizada com a Sondagem Industrial. Ela contou com a participação de 1419 empresas da indústria de transformação: 1213 pequenas e médias e 206 grandes. O período de coleta das informações foi de 28 de março a 18 de abril de 2005. A Sondagem Industrial é elaborada pela Unidade de Política Econômica da CNI com a participação das Federações da Indústria de 21 estados do Brasil (AC, AL, AM, BA, CE, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PR, RJ, RN, RS, SC, SE e SP), embora sejam consultadas empresas de todo o território nacional. Para informações adicionais sobre a metodologia da Sondagem ver <http://www.cni.org.br/f-ps-sondind.htm>.

EXPEDIENTE: **SONDAGEM ESPECIAL** DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, Ano 3, nº1 junho 2005 – Coordenação Técnica: Unidade de Política Econômica – Equipe Técnica: Flávio Castelo Branco, Renato Fonseca, Edson Velloso, Lia Rocha, Líneke Slegers, Marcelo Azevedo, Maria Angélica Moreira, Suzana Peixoto – Coordenação Editorial: Unidade Integrada de Comunicação Social do Sistema CNI – Supervisão Gráfica: UNICOM/ Núcleo de Criação – Normalização Bibliográfica: ACIND/Área Compartilhada de Informação e Documentação -Informações Técnicas: Tels.: (61) 3179989 – E-mail: sondagem@cni.org.br. Assinaturas: Unidade de Relações com o Mercado – SBN-Quadra 01-Bloco C - Ed.Roberto Simonsen - Brasília-DF - CEP: 70040-903 - Tels.: (61) 317-9989/9992/9993 – Fax: (61) 317-9994 – E-mail: sac@cni.org.br. Home page: www.cni.org.br.